

as mulheres mais formosas como indignas dum olhar e assenta sua dignidade messiânica no seu modo de viver estritamente ascético. Faz passar a "dchubba", o hábito remendado dos pobres, a traje de honra de seu reino de mendigos. Eis o segrêdo de sua influência mágica sobre as massas e da fé na sua divindade que empolga o Sudão.

Porém, mal alcança o "Mahdi" o poder e ei-lo que se transforma num grande viverdor. Manda incorporar a seu harem tôdas as raparigas bonitas de que se pode apoderar. Usa vestidos feitos com as sêdas mais preciosas. Passa seus dias num "dolce farniente", estendido sobre divãs macios, e dedica-se sem freio ao vício da gula.

Criadas escolhidas que serviam nas casas dos funcionários egípcios expulsos têm de cuidar de sua cozinha. Dia a dia torna-se mais gordo. Em breve engrossa a tal ponto que só a custo é que consegue levantar-se do leito. Quando, agora, deixa o palácio para abençoar os exércitos que partem para a luta, é um informe tonel de graxa que se oferece aos olhos dos crentes, em lugar dum magro derviche.

Não obstante, o fanatismo acordado outrora pelo magro fica fiel ao gordo, e os pobres e famintos sudaneses aclamam com um entusiasmo inalterado o seu chefe comilão e libertino.

Depois de sua morte, o seu tumulto, que resplandece ao longe, torna-se o signo da luta pela liberdade, a cuja vista os combatentes sudaneses se sentem animados duma coragem sempre nova. Por êste motivo, o comandante em chefe inglês, Lord Kitchener, manda vir canhões de grande alcance para, graças a êles, poder fazer voar em pedaços o monumento funerário. Depois da tomada de Khartum, o cadáver embalsamado do Mahdi é retirado da cova onde está sepulto e a cabeça guardada no alcool. O resto do corpo é queimado publicamente e as cinzas espalhadas aos quatro ventos. Êste procedimento é destinado a provar de maneira drástica ao povo que, na realidade, seu "imã" divino é tão somente um simples mortal como qualquer outro.

Não obstante, a despeito de tudo, sudaneses e núbios fazem ininterruptas peregrinações às ruínas da sepultura vazia. Penetrados duma confiança inabalável, esperam o dia em que o Mahdi há de ressuscitar para conduzi-los a última luta decisiva pela liberdade contra os odiosos estrangeiros.

O que acontecera ao "Mahdi", não tarda também a acontecer ao "rei dos coolis" na China, que começara por ser o campeão do pobre povo faminto e, dentro de curto tempo, se torna exatamente o contrário dum asceta. Depois da queda de Nanquim, retira-se completamente para seu suntuoso palácio cercado de muralhas gigantescas. Enquanto suas tropas, cantando salmos, marcham para a morte em defesa de sua causa, entrega-se, em meio de suas mulheres, a negras orgias. Quaisquer que sejam as informações que lhe cheguem do seu reino, não quer ouvir nada, nem responder ao que quer que seja. Manda executar

alguns vice-reis e generais somente por terem ousado estorvá-lo nas suas orgias místicas.

O povo dos fiéis terá somente ainda uma vez ocasião de vê-lo, a uma distância inatingível. Quando, na primavera de 1864, um imponente exército tártaro se aproxima dos muros de Nanquim, cerca a cidade e ameaça obrigá-la a render-se pela fome, os mais altos dignitários do reino Taiping conseguem convencer o "rei dos coolis" a subir às mais altas ameias do seu palácio, onde hasteia com sua própria mão uma gigantesca bandeira amarela. Depois disso, levantando os braços, dá a sua bênção. Logo milhares de pessoas entoam um hino em sua honra. Todos se atiram de joelhos. Um côro de júbilo ressoa por tôda Nanquim. Quasi incapaz de compreender tudo aquilo, volta logo aos aposentos de suas favoritas, de onde nunca mais sairá até encontrar lá uma morte violenta. No entanto seus fiéis adeptos espalham a nova de que o Deus Supremo decidira subtrair o seu "filho mais moço" aos olhares profanos da humanidade.

Ao passo que o "Mahdi" e o "rei dos coolis" traíam os princípios ascéticos de suas doutrinas, no reino da Bemaventurança do empreendedor Elias Dowie, o bem-estar material falhou. Dowie falara, nas suas arengas, de dólares, participações nos lucros e de dividendos. A primazia da comunidade de Zion City iria justamente, segundo suas palavras, afirmar-se perante Deus por sua prosperidade econômica. Mas Zion City que, ao princípio, parecia ser um negócio tão próspero, não tarda em tomar a largos passos o caminho da falência. Por último, o próprio Dowie teve de responder, perante os tribunais, à acusação de malversação.

Mas nem a falência nem a acusação conseguiram abalar seriamente a fé dos discípulos. Ainda hoje Zion City está convencida de que o "terceiro Elias" era um enviado de Deus e que alí, a quarenta milhas de Chicago, despontará o reino dos Mil Anos.

Particularmente cruel é a desilusão a que foram expostos os adoradores de Joana Southcott: A "virgem que devia dar à luz o Messias" faleceu no seu leito dourado antes de ter dado ao mundo o Salvador tão ansiosamente esperado.

Por muito tempo os fiéis se recusaram a acreditar nisso. Muito embora a côr cerosa da morte já recobrisse as faces de Joana, continuavam a tratar o cadáver com todo o cuidado requerido por uma parturiente, a aplicar incansavelmente panos quentes sobre o ventre grávido, mesmo depois do cheiro de putrefação ser percebido da rua por aqueles que lá esperavam.

Quando, enfim, tiveram de aceitar a morte da "Mãe de Deus", continuaram a nutrir a esperança de salvar ao menos, para a humanidade, o fruto messiânico. Médicos foram chamados, que abriram o ventre da morta: — estava vazio! Nem o anatomista mais crédulo teria descoberto o mínimo vestígio duma gravidez.